



REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de Imprensa)

Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 134

Redação e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. teleg. Talkaba — Lisboa • Telefone ?

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

DEIXEM-SE DISSO!

NOTAS & COMENTARIOS

A greve geral burguesa

Que o Estado tente, até certo ponto, impedir a ação dos eleitos avançados, não é justo. O cronista misturou alhos com bugalhos e fez péssima reportagem. Segundo as minhas informações, procedentes das melhores fontes, o teor do apelo é muito outro e diz entre outras coisas:

"Acionistas, não receba os vossos dividendos!"

"Senhores, não cobreis mais rendas de casas!"

"Proprietários, capitalistas, financeiros, não aceiteis mais rendimentos nem juros!"

"Patriotes, abandonai as fábricas aos operários e aos técnicos!"

"Comerciantes, açambarcadores, intermediários, deixai de especular, de açambarcar, de aumentar o custo do produto!"

"Juízes, governantes, chefes, à greve!"

Ora diga-se aqui, à boa paz, que o expediente é porco e é bicho.

Sobre estes dois méritos tem o cronista acolhido com uma explosão de alegria, porque essa greve era chover no molhado, em vista do *louch-out* já declarado pelos trabalhadores contra os grevistas. Se não fosse isso, não falaria quem furasse o movimento, sendo muito elevada a percentagem dos amarelados.

O erro do cronista provém do facto de confundir a função parasitária, propriamente burguesa, com a função útil do técnico. E que, nas profissões liberais, aburguesadas, privilegiadas, as suas cidades vêem-se por vezes restringidas no mesmo indivíduo.

Mas separam-se facilmente. O que poderá suceder a essas profissões é tornarem-se mais manuais, mais práticas, para vantagem da ciência, da técnica e da saúde física e moral, tudo ao mesmo tempo.

O engenheiro não perderá nada em se fazer mais operário, o arquiteto mais pedreiro, o médico mais enfermeiro, e vice-versa, o enfermeiro mais médico, o operário mais técnico e cultivo, até à fusão completa no trabalho integral, o da mente e o do músculo, numa harmonia equilibrada entre a ciência e o trabalho, para benefício de ambos e para bem do indivíduo e da sociedade.

Com quem tratamos?

Um jornal da noite relata ontem uma curta palestra havida entre um dos seus repórteres e o dr. Costa Júnior. Naquele relato se atribuem a este deputado socialista opiniões que constituem um ultraje para os grevistas ferroviários são, ao mesmo tempo, um desmentido formal aos ideais que o dr. Costa Júnior diz defender. O dr. Costa Júnior teria afirmado, segundo o relato do aludido jornal da noite, que "não movimento ferroviário andam imiscuidos agitadores a desvirtuar as intenções dos grevistas e a atenuá-los, ou a mantê-los em situação por meio dum «presunto moral», que se manifesta em dificultar as traições. Uma emburlhada. É disperdiciosa ela é que custa a acreditar ter o dr. Costa Júnior proferido as frases que lhe são atribuídas pelo tal jornal da noite, gazeta, de resto, já usada e vezinha em deturpar a verdade. Seja como for, é ao deputado socialista que compete explicar-se, ou desmentindo o jornal da noite ou confirmando a veracidade do relato. O operário precisa é de saber com quem trata.

Deixem-se disso!

Telefones
essa cidade haja a registar espacamentos, sabradas, cutiladas e toda a espécie de maus tratos infligidos a cidadãos pacíficos.

Comecemos a tratar do assunto, como já tivemos ocasião de dizer, espontaneamente. Não preparamos nenhuma campanha. E, apesar disso, tão dentro da verdade nos encontramos que, infelizmente, não nos faltam selvagens a registrar. Descrevemos ontem a fúria de um polícia que, na rua Pereira e Sousa, a Campo de Ourique, acutiu um homem, sossegado, já meio idoso, a ponto de prostrá-lo, tornando-se necessário recolhê-lo, inanimado, no posto da Cruz Branca. Já hoje temos um caso novo a registrar. Testemunham-nos pessoas da nossa confiança, cujos nomes temos registrados. Passou-se ontem de manhã, na estação do Rocio, piso inferior. O movimento deste piso era dirigido por um oficial do exército. Um capitão. O fardamento agalhado ocultava a alma de uma fera, como se viesse. Os portões da fachada principal da estação estavam fechados, à exceção de um, que não estava de resto senão meio aberto. Por esta porta estreita se efectuava a entrada e saída de pessoas, num número muito superior aquele a que a estreiteza da passagem dava vazio. Disto resultou uma aglomeração de gente, que por modos irritou o nervosismo do mencionado capitão. Deu-lhe o nervosismo para aliar uma bengala de cavalo marinho que empunhava e descarregá-la sobre a multidão, às cegas, e com tanta fúria que a ponteira se desprendeu, projectando-se no espelho e perdendo-se. E' certo que as multidões em Portugal não as caracteriza uma educação demasiadamente notável. Mas, se vamos falar em educação, é como se apreciaria o proceder selvático do oficial agalhado, cujo brutal procedimento se torna indesculpável, olhando à posição social que ele ocupa.

Congresso Nacional da Indústria de Sapataria, Couros e Peles

A comissão organizadora do Congresso de Sapataria, Couros e Peles, tem já prontos os trabalhos a apresentar ao referido Congresso, que se realizará em Coimbra nos dias 17 e 18 do corrente.

Alem de outras adesões, que sabe haver, recebeu já directamente as seguintes:

Associação dos Sapateiros de Faro, Fabricantes de Calçado de Viana do Castelo, do Porto, de Coimbra, Sapateiros de Beja, Manufactores de Calçado de Portalegre, de Silves, de Lisboa, Curtidores de Alcanena, de Lisboa, etc.

A comissão organizadora continua em sessão permanente para ultimar os trabalhos, assim como para receber as restantes adesões e informar os associados da província sobre qualquer dúvida que se lhes apresente, relativamente ao Congresso.

OS FORÇADOS

Industria do tabaco

Da secagem ao empacotamento

Desço a escada de ferro, que finca quase ao pé dos secadores: dois massicos de tijolo com portas e respiradores de fornalhas, encimados por um revestimento que lhes empresta o aspecto de enormíssimos baus.

As oficinas é um casario comprido, espécie de casa-mata evocadora de lendas de presídios, a espreitarem das paredes grossas, da arcaria que se prolonga a meio, e da negrura de dois respeitáveis buracos, a findar lá longe, num subterrâneo, donde emergem, sobem, e descem continuamente uns cavalos, despejando as golpelas nas pirâmides de tabaco, que se erguem próximas.

Próximo, os ressecadores, com os seus cilindros, as suas engrenagens, as suas ventoinhas, ocultas sob venezianas; ao lado, uma balança, e lá a fin, sibilando no ar, a engenho férrea do ascensor.

Envolve a casa uma claridade suja, uma semi-penumbra, como se a luz vindia de fora, atravessando a rede das janelas, ebsarrasse na atmosfera, empastada e quente, que pesa sobre aquilo tudo.

E' ver então a labuta, desde que o tabaco, vindo de cima, entra por um algazarro nos secadores, atravessa a oficina.

...vertiginosamente, deixam tabaco nas mortais, que enrolam numa tremura de dedos...

Uma cento de mulheres, todas de volta, em bancadas alinhadas, numa uniformidade de colegio, vertiginosamente, deixam tabaco nas mortais, que enrolam numa tremura de dedos, dando, em conjunto, a impressão de uma casa de saúde, onde o pessoal feminino, repousando, contraria a obsessão do cigarro, ficasse sempre assim, enrolando imaginariamente, a tremer... a tremer...

Mas breve se desfaz esta impressão. Nada de repouso, e se obsessão existe é o peso do trabalho, que é de 25 centavos!

No entanto, o trabalho não pára, a energia não desfalece, regularizando-se com o movimento incessante das mãos.

...é, não estarão lá muitos a reclamar sanatórios?

Entro no sonho duradouro — nome da oficina de cigarrilhas de luxo, de carto-

na, subindo e desendo a escada dos respiadores, despejando no bocal o tabaco amornado da secagem.

Para lá dos respiadores, outro vai-vem, outra canseira.

O tabaco vai caindo para as golpelas, uns enormes alcôfias de esparto — é pesado, e lá vai arrastado oficina fora, abrindo caneiros no pô que encobre o lagado, até ao elevador, o qual range furioso, como revolto de tanto subir, de tanta carga, que veem trazendo sempre aqueles homens silenciosos, em camisa, mangas arregalhadas, ostentando, como num desafio, a magreza hirta, convulsionalada...

Em cima, retiraram as golpelas, e segue-se um alcatruzar de 40 quilos à cabeça, um cortejo bisônico, escoando-se pelas oficinas, atravessando rancios de raparigas, desfilando por entre máquinas, sob um susurro de vozes, zoda metálica e risadas sécas...

Agora o cortejo atravessa as oficinas mecânicas, ou arte-nova, nome que distingue os velhos processos manuais, que ainda subsistem.

Méia dúzia de máquinas compridas, curiosíssimas, cada uma com a sua fila de pequenos baldes presos a uma fita giratória; aítraz, numa bancada, quatro mulheres, rapidamente, pesando e encherendo os recetáculos, durante a trajetória, com a quantidade de tabaco suficiente a encher um pacote.

E' ver o bulício da apanha das onças, o arrastar contínuo dos caixotes, tudo por mulheres, apenas um homem, fato de ganga, vigiando as engrenagens, azeitando as molas, enquanto as golpelas vão passando sempre à cabeça, monotonia, num deslizar de condensados...

Próximo, a oficina de cigarros, também à máquina, com o mesmo susseu, o mesmo arrastar de caixotes, um tam-tam metálico e acentuado de sussurro, que é sempre a sua filiação.

...regulando o calor e a queda dos alojados fios, um homem suporta a baforada constante, como se os pulmões rendilhados fossem a peneira que a atenuasse...

Nas gôndolas, de empacotamentos — e é a medida de precariedade, o mesmo susseu, sob o tam-tam da máquina, que ainda ciga lora na ruas, e ao evocar as canseiras e os perigos daquela gente, buscando uma utilidade que à minhaz razão as atenuasse, a mesma razão, impulsionante, da parte dos sindicatos, muitos esforços e grandes sacrifícios, que aqueles esforços, aqueles sacrifícios, se transformam... em fumo!

Eduardo FRIAS.

"A Batalha"

Reúne amanhã, pelas 20 horas, a comissão instaladora de "A Batalha" para

se ocupar dum assunto do

mais alto interesse para este

jornal.

ORGANIZAÇÃO SINDICAL

As Federações de Sindicatos

A filiação dos sindicatos na Confederação efectua-se, por meio dum dupla série de organismos federativos, que agrupam dum lado os sindicatos de profissões diversas, aglomerados na mesma cidade ou região; do outro, os sindicatos da mesma profissão espalhados pelo país. Os primeiros são as Bolsas do Trabalho ou Unões de Sindicatos; os segundos são as Federações nacionais corporativas.

Além do serviço gratuito de colocação de trabalhadores, as Bolsas do Trabalho asseguram auxílio, o melhor que podem, aos operários a seu trabalho e de passagem na localidade; mantém o funcionamento de cursos profissionais, prestando informações, judiciais, etc.

Sob o ponto de vista da propaganda, a tarefa que tem não é menos importante: a sua influência faz com que o movimento sindical progreda em todos os sentidos, já tomando a iniciativa da constituição de novos sindicatos, já auxiliando o desenvolvimento dos que existem. Um exemplo: é devido à iniciativa das Bolsas do Trabalho do Meio-dia, ter o sindicalismo penetrado na massa dos trabalhadores agrícolas e terem-se constituído numerosos sindicatos de vinhateiros; no centro da França, foi a Bolsa do Trabalho de Bourges que organizou os lenhadores; no Oeste, foi a Bolsa do Trabalho de Brest que conseguiu agitar a velha Bretanha, até então, alheia, a todo o movimento operário.

O agrupamento dos sindicatos da mesma cidade é de tal necessidade, que este modo de agrupamento desenvolve-se muito rapidamente, muito mais rapidamente mesmo, que as Federações corporativas. Os sindicatos depressa compreenderam que, se se conservassem isolados no seu centro, se encontrariam pouco mais ou menos na mesma situação do trabalhador isolado, isolado do sindicato; só poderiam contar com as próprias forças e os seus sentimentos de revolta se tivessem sido fecundados pelo espírito de solidariedade.

A *União dos Sindicatos*, da mesma cidade, é de tal necessidade, que este modo de agrupamento desenvolve-se muito rapidamente, muito mais rapidamente mesmo, que as Federações corporativas. As *Bolsas do Trabalho*, da mesma cidade, é de tal necessidade, que este modo de agrupamento desenvolve-se muito rapidamente, muito mais rapidamente mesmo, que as Federações corporativas.

Por outro lado, quando rebenta uma greve, as *Bolsas do Trabalho* são o foco onde se concentram os trabalhadores em revolta; e se uma ação colectiva se organiza, concretizando a solidariedade de toda a classe operária da região — propaganda geral ou movimento de massa — é das *Bolsas* que irradia a influência vivificante. E o que é mais, sob o ponto de vista antifascista, a sua ação é considerável; acolhem bem os soldados, recomfortam-nos, combatendo assim a influência perniciosa da caserna.

As *Bolsas do Trabalho* estão unidas entre si por um laço federativo; estão filiadas num organismo, que há alguns anos se chamava a Federação das *Bolsas do Trabalho* e que se tornou, depois de realizada a *União operária*, no congresso de Montpellier de 1902, a Secção confederal das *Bolsas do Trabalho*; a outra secção confederal, a que agrupa as Federações nacionais corporativas.

As Federações corporativas são constituídas por sindicatos da mesma indústria ou de profissões similares. Durante muito tempo, discutiu-se muito, no seio da Confederação, a questão do agrupamento federal por ofício ou por indústria. Desde o congresso de Amiens, (outubro de 1906) continuam as Federações de ofício que já existiam, mas a Confederação já não admite senão as Federações de indústria.

As Federações corporativas irradiam por todo o país e embora a sua ação se exerça noutro plano que a das *Bolsas do Trabalho*, não é de menor importância. Estes dois organismos completam-se e, pela sua junção na Confederação, elevam o agrupamento operário ao mais alto grau de coerência e eficácia. Se o agrupamento sindical se limitasse aos organismos locais que são as *Bolsas do Trabalho*, a vida operária ficaria encerrada no horizonte regional; por seu lado as Federações corporativas, repetimos, visto que municipalizadas, não poderiam estender a sua ação para fora dos seus naturais limites, se existissem isoladas. As duas formas de agrupamento completam-se, dando a máxima intensidade à solidariedade operária.

As Federações corporativas servindo de traço de união entre os sindicatos espalhados pelo território, dão-lhes uma unidade de tendências e preparam a unidade de ação para a luta. Fazem sobressair as diferenças de condições de trabalho e dificultam a baixa dos salários a que visa a exploração capitalista, instalando-se em regiões onde espera encontrar assalariados ignorantes e baratos. Nessas batalhas sociais, que são as greves, a sua intervenção é eficaz, porque além de poderem paralisar a vida da povoação onde há um conflito, podem apoiar os trabalhadores em luta, condensando em seu favor o esforço solidário de toda a corporação. É claro que entregue a si próprio, não podendo dispor senão dos seus magros recursos, um sindicato isolado teria um poder de ação muito reduzido. O agrupamento federativo aumenta esse poder, multiplicando-o.

As Federações corporativas não são, só, o ponto de vista orgânico, dum tipo uniforme. O dominante é sempre o federalismo, tendo como base a autonomia do sindicato. No entanto, há algumas federações, entre as mais antigas, em que subsiste ainda um centralismo que teria tendência para sufocar a autonomia do sindicato; mas são apenas vestígios dum passado, que foi abolido sob a onda da consciência e revolução.

A Federação, com uma base essencialmente federal, é administrada por um Conselho federal, composto dum delegado de cada sindicato filiado. Este delegado, sempre revocável pelo respectivo sindicato, fica em contacto permanente, por correspondência, com a organização que representa; dessa maneira, cada sindicato não vê as suas deliberações adulteradas na Federação. As Federações de Alimentação, dos Cores e Pentes, da Metalurgia, etc., são assim constituidas.

O tipo da Federação centralista é usado pela Federação do Livro. Esta Federação é administrada por um Conselho central, nomeado por alguns anos,

...regulando o calor e a queda dos alojados fios, um homem suporta a baforada constante, como se os pulmões rendilhados fossem a peneira que a atenuasse...

nagens, de empacotamentos — e é a medida de precariedade, o mesmo susseu, sob o tam-tam da máquina, que ainda ciga lora na ruas, e ao evocar as canseiras e os perigos daquela gente, buscando uma utilidade que à minhaz razão as atenuasse, a mesma razão, impulsionante, da parte dos sindicatos, muitos esfor

NA MANUTENÇÃO MILITAR

O sr. director em exposição

Serventes ou trabalhadores rurais?

Osr. Vasconcelos, como se deprende do que temos já referido, é uma criatura extremamente irascível e que, valendo-se da força de que dispõe, querer sempre razão.

Ninguém lhe vê à mão, ninguém pretende fazer-lhe conhecer factos que ele não querer conhecer, que ninguém tem o desvelante de observar-lhe a alma, coisa, porque o valente militar não o consente. Há homens assim, hoje ainda, anormais tanto de cérebro como de consciência, e que nós, os que mouremos pelo pão cotidiano, somos obrigados a aturar.

Ora, não está esgotado o relatório de todas as ilegalidades que sua ex.^a tentado pôr em prática, como senhor absoluto do estabelecimento que dirige.

Para que os leitores conheçam melhor a infatil criatura, de quem nos estamos ocupando, vamos relatar alguns factos mais, absolutamente verdadeiros, como todos os que até aqui temos apontado — porque *A Batalha* só acusa em face de provas palpáveis — e que bem mostram os intuítos ferinos do senhor de roça que, de chicote em punho, pretende mandar nos operários da Manutenção como quem manda em preto.

Um deles refere-se aos serventes.

Estes operários, visto pertencerem ao pessoal do estabelecimento, deveriam ter, parece, o mesmo horário que os seus camaradas dos outros serviços, pois não faz sentido que dentro da mesma casa haja dois horários. O que é verdade é que, não obstante toda a gente de bom senso admitir este princípio, o sr. Dias que, é bom não esquecer, acumula o facto de ser Vasconcelos o com o seu coronel, chegou uma manhã à Manutenção mais mansinho do que nos outros dias, e da sua alta inteligência botou ordem de serviço ou coisa que o valha, considerando — passim, os gentes! — os serventes como... como... trabalhadores rurais, para os obrigar a trabalhar catorze horas.

Catorze horas! É preciso ser um negro incorrigível para fazer uma semelhante imposição. Mas o sr. director não se preocupa com essas coisas e como quer, pode e manda lá obrigar esses camaradas a arruinar a sua saúde num trabalho extenuante.

pelo conjunto dos federados, por meio de lista. Inutil se torna mostrar os inconvenientes que podem resultar de semelhante administração: o Comitê central é um poder quase absoluto, podendo acontecer não representar o espírito da corporação.

Outra forma de agrupamento federativo é o Sindicato nacional, baseado em secções, com uma autonomia muito relativa. Esta forma de agregação sindical pode considerar-se especial para os trabalhadores dependentes do Estado ou de grandes companhias.

As secções sindicais dum Sindicato nacional tem uma vida autónoma insignificante. As três quartas partes das cotas recebidas são centralizadas no Sindicato, de modo que a secção, ficando apenas com uma quarta parte, encontra-se sem recursos e, por falta de meios de ação, tem que apelar para a intervenção do organismo central.

O Sindicato nacional toma por modelo a organização do Estado, que é combate; esta forma de agrupamento corresponde certamente a necessidades de coesão que resultam da organização do Estado-Patria; mas os trabalhadores que a aceitam, se só consultarem as suas preferências, escolheriam um modo de agrupamento mais autônomo, mais federativo.

Destes 1250 sindicatos, a maior parte estão filiados na respectiva Bolsa do Trabalho ou União local (excepcionando-se os que na sua região têm União local). O número dos sindicatos «coxos», isto é, dos que aderem só à Federação corporativa e não à Bolsa do Trabalho ou à União local, não vai além de 300.

As Federações mais fortes são: a de Construção, que agrupa 210 sindicatos da Indústria e da Metalurgia, agrupando cada uma 180 sindicatos; veem depois a Federação do Textil, com 115 sindicatos; a Federação dos Coiros e Peles agrupa 64 sindicatos, mas devemos observar que, depois do seu último congresso, trabalha para agrupar os sindicatos das especialidades em cada província. Um dos sintomas da força de irradiação da Confederação é o desenvolvimento que nesses últimos anos tem tomado as Federações dos trabalhadores do campo, como a dos agricultores do Meio-dia (sobretudo viticultores), que agrupa uma centena de sindicatos, e a dos leñadores, que compreende 85 sindicatos.

O tipo dos Sindicatos nacionais é o dos pelo mais dos trabalhadores dos Caminhos de ferro, que compreende 178 secções. Este Sindicato, assim como os que se constituem depois dele, temido que sustentaria uma grande luta contra a maioria vontade dos governos. O Estado entendeu que havia de proibir aos seus empregados a organização em Sindicato, só os consentindo quando não podes deixar de ser. Durante muito tempo contestou-se aos trabalhadores dos Caminhos de ferro a liberdade de se sindicarem; hoje o seu agrupamento é reconhecido pelo Estado, que não quer autorizar os empregados dos correios e dos professores primários a sindicarem. As classes gráficas explicam-se pelos serviços que competem à Federação, que consistem principalmente em propaganda e resistência ao patronato. Os serviços mutualistas são, como já vimos, muito reduzidos: auxílio para viagem, a maior parte das vezes; e em algumas federações, socorros aos sem-trabalho. Quanto ao apoio prestado às greves, sob o ponto de vista financeiro, depende, na sua maior parte, das iniciativas de solidariedade.

As organizações francesas não tem a pretensão de opor os seus cofres aos dos capitalistas; é por isso, que, quanto auxílio financeiramente uma greve não é desse auxílio que esperam a vitória.

A Federação do Livro, tanto sob o ponto de vista financeiro como mutualista, tem uma fisionomia especial. A sua cota é de 2 francos (40 centavos) por mês e por membro e assegura aos seus membros: socorros aos sem-trabalho, de viagem, de doença, de greve. Faz lembrar, tanto no fundo como na forma, as organizações inglesas, sendo além disso a autonomia dos sindicatos muito relativa, estando a sua ação dependente do consentimento da Federação. A maior parte das Federações publicam um órgão corporativo, quasi sempre mensal e que a maior parte das vezes se distribui gratuitamente a todos os federados.

Em épocas determinadas, cada Federação organiza um congresso onde se examina a obra realizada, onde se discutem as tendências e se manifesta a orientação do agregado sindical. Os Sindicatos nacionais realizam um congresso anual, que se torna necessário em virtude da sua organização centralista; quanto a maior parte das federações, realizam um congresso, senão todos os nãs, dizem que são jornalistas representantes dos diversos bairros da imprensa húngara. Foram-lhes encontrados 3000 documentos.

Uma carta

A propósito do nosso primeiro artigo recebemos ontem, dum operário, esclarecimentos muito úteis, que demonstram à evidência a humilhante atitude do coronel da Manutenção, quando da sua destituição do cargo que hoje novamente ocupa.

Essa carta vem assinada; porém, como conhecemos demasiado o coração bondoso do sr. Vasconcelos, não desvendamos o nome de quem se nos dirige, pois sabemos perfeitamente que esse camarada seria imediatamente despedido. Pede-nos o operário que se nos dirige uma rectificação, que da melhor vontade publicamos, porque, repetimos, faz mais lúz sobre o carácter do coronel Dias, que deve ser posto bem em evidência para que todos o conheçam.

Comandado redactor. — Tendo lido no seu artigo que a fórmula que se refere à propriedade realizadas pelo diretor da Manutenção Militar, sou a dizer-lhe que me calou no espírito a sua essência, mas uma passagem do referido artigo julgo dever ser rectificada, em homenagem a verdade.

A Comissão, a que se refere o seu número de outono, e que se intitula representante do pessoal, que em Fevereiro do corrente ano se dirigiu ao senhor ministro das Finanças, no sentido de pedir a reintegração do sr. Dias no cargo de director, não procedeu do seu motor-propósito, sim a pedido do coronel Dias.

Disse-lhe os comissionados que pediam a sua reintegração, por que uma vez investido no seu antigo cargo melhoraria a situação do pessoal.

Como prémio à atitude daquelas indústria respondem a esta tirania com uma união digna de registo, uma solidariedade que tem espalhado tanto a Companhia quanto o Estado, e esta firmeza que houve conduziu-lhos seguramente a uma vitória próxima e inevitável.

Destruindo uma atoarda da Companhia

Um factor de 1^a, accidentalmente em Lisboa, enviou aos jornais uma carta, que estes não publicaram, em que descrevia a sua afirmação feita pela Companhia: a de que aos factores paga 60000 por mês.

São dessa carta os seguintes trechos:

Entre para o serviço da C. P., em 1900, com 17 meses de idade, e ganhou 80000 por mês, estando assim ganhar vintém.

Este 14 meses como praticante habituado a ganhar 80 por dia; 2 anos e 5 meses em aspirante; 5 anos em factor de 1^a; 2^a e 3^a como factor de 1^a, tanto no seu antigo cargo, quanto no seu novo, e assim em diante.

Pelo que acima expõe vé, camarada redactor, que é depremido a atitude tomada por aquela criatura em fazer tal perda a individuos seus subordinados. — Um operário.

Como muito bem nota o camarada que se nos dirige, a atitude do roceirinho, que, em matéria de despotismo, vai além de Alfredo da Silva e outros exploradores da sua laia, é depremida.

Nós conhecemos outros adjetivos para classificar a conduta de sua ex.^a, mas como os não podemos publicar, sómos forçados a admitir como verdade, o que valha, considerando — passim, os gentes! — os serventes como... como... trabalhadores rurais, para os obrigar a trabalhar catorze horas.

Amanhã tornaremos conhecido outro facto curioso passado com uma operária da Manutenção, e que bem mostra os perversos intuios do director-roceiro. Não perde pela demora.

pelos conjuntos dos federados, por meio de lista. Inutil se torna mostrar os inconvenientes que podem resultar de semelhante administração: o Comitê central é um poder quase absoluto, podendo acontecer não representar o espírito da corporação.

Outra forma de agrupamento federativo é o Sindicato nacional, baseado em secções, com uma autonomia muito relativa. Esta forma de agregação sindical pode considerar-se especial para os trabalhadores dependentes do Estado ou de grandes companhias.

As secções sindicais dum Sindicato nacional tem uma vida autónoma insignificante.

As três quartas partes das cotas recebidas são centralizadas no Sindicato, de modo que a secção, ficando apenas com uma quarta parte, encontra-se sem recursos e, por falta de meios de ação, tem que apelar para a intervenção do organismo central.

O Sindicato nacional toma por modelo a organização do Estado, que é combate; esta forma de agrupamento corresponde certamente a necessidades de coesão que resultam da organização do Estado-Patria; mas os trabalhadores que a aceitam, se só consultarem as suas preferências, escolheriam um modo de agrupamento mais autônomo, mais federativo.

Destes 1250 sindicatos, a maior parte estão filiados na respectiva

Bolsa do Trabalho ou União local (excepcionando-se os que na sua região têm União local).

O número dos sindicatos «coxos», isto é, dos que aderem só à Federação corporativa e não à União local, não vai além de 300.

As Federações são actualmente em número de 60 e os Sindicatos nacionais de 3, agrupando, o mínimo de 2500 sindicatos ou secções sindicais. O efectivo federal, quanto ao número de sindicatos que este aglomerado representa, segundo as estatísticas financeiras da Confederação, seria de 205.000.

Portanto, é preciso saber-se que, por diversas razões, em vez de fornecerem um número exato, as federações têm tendência para se coitizar por um número de federados menor do que em verdade é; por isso o número de 205.000 sindicatos deve ter-se como inferior à realidade.

Destes 1250 sindicatos, a maior parte estão filiados na respectiva

Bolsa do Trabalho ou União local (excepcionando-se os que na sua região têm União local).

O número dos sindicatos «coxos», isto é, dos que aderem só à Federação corporativa e não à União local, não vai além de 300.

As Federações mais fortes são: a de Construção, que agrupa 210 sindicatos da Indústria e da Metalurgia, agrupando cada uma 180 sindicatos;

o da Federação do Textil, com 115 sindicatos; a Federação dos Coiros e Peles agrupa 64 sindicatos, mas devemos observar que, depois do seu último congresso,

trabalha para agrupar os sindicatos das especialidades em cada província.

Um dos sintomas da força de irradiação da Confederação é o desenvolvimento que nesses últimos anos tem tomado as Federações dos trabalhadores do campo, como a dos agricultores do Meio-dia (sobretudo viticultores), que agrupa uma centena de sindicatos, e a dos leñadores, que compreende 85 sindicatos.

O tipo dos Sindicatos nacionais é o dos

trabalhadores dos Caminhos de ferro, que compreende 178 secções.

Este Sindicato, assim como os que se constituem depois dele, temido que sustentaria uma grande luta contra a maioria vontade dos governos.

O Estado entendeu que havia de proibir aos seus empregados a organização em Sindicato, só os consentindo quando não podes deixar de ser.

Durante muito tempo contestou-se aos trabalhadores dos Caminhos de ferro a liberdade de se sindicarem; hoje o seu agrupamento

é reconhecido pelo Estado, que não quer autorizar os empregados dos correios e dos professores primários a sindicarem.

As classes gráficas explicam-se pelos serviços que competem à Federação, que consistem principalmente em propaganda e resistência ao patronato.

Os serviços mutualistas são, como já vimos, muito reduzidos:

auxílio para viagem, a maior parte das vezes; e em algumas federações, socorros aos sem-trabalho.

Quanto auxílio financeiramente uma greve não é desse auxílio que esperam a vitória.

A Federação do Livro, tanto sob o ponto de vista financeiro como mutualista, tem uma fisionomia especial.

A sua cota é de 2 francos (40 centavos)

por mês e por membro e assegura aos seus

membros: socorros aos sem-trabalho, de

viagem, de doença, de greve. Faz lembrar, tanto no fundo como na forma,

as organizações inglesas, sendo além disso a autonomia dos sindicatos muito relativa, estando a sua ação dependente do consentimento da Federação.

A maior parte das Federações publicam um órgão corporativo, quasi

sempre mensal e que a maior parte das

vezes se distribui gratuitamente a todos os federados.

Emile POUGET

A agitação na Itália

ROMA, 11.—Todas as casas comerciais estão fechadas, à exceção das casas de comestíveis que continuaram abertas enquanto não se esgotarem os géneros que possuem. Os eléctricos e carriagens circulam de noite, mas só para o público e habitantes de Roma.

O medo

MUNICH, 11.—Foram ontem pre-
tados 3000 francos que são acusados de
agentes dos soviéticos húngaros. Os
jornais nãos dizem que são jornalistas
representantes dos diversos bairros da
imprensa húngara. Foram-lhes encontrados
3000 documentos.

A GREVE FERROVIÁRIA

O conflito mantém-se no mesmo pé de irredutibilidade

meses de prática a ganhar 80 a 850 diários! Ha também carregadores, guardas, suplementares, etc., que apenas auferem a 80 a 850 diários. Com estes irrisórios ordenamentos exigir-se um honesto e perfeito

regresso do Norte o nosso

enviado especial

Regressaram ontem do Norte os ferrovários que para ali tinham seguido, e que se fizeram acompanhar dum enviado da *Batalha*, que amanhã dará aos nossos leitores as suas impressões.

Podemos, no entanto, afirmar desde já que a solidariedade entre os ferrovários que para ali tinham seguido, e que se fizeram acompanhar dum enviado da *Batalha*, que amanhã dará aos nossos leitores as suas impressões.

Podemos, no entanto, afirmar desde já que a solidariedade entre os ferrovários que para ali tinham seguido, e que se fizeram acompanhar dum enviado da *Batalha*, que amanhã dará aos nossos leitores as suas impressões.

Podemos, no entanto, afirmar desde já que a solidariedade entre os ferrovários que para ali tinham seguido, e que se fizeram acompanhar dum enviado da *Batalha*, que amanhã dará aos nossos leitores as suas impressões.

Podemos, no entanto, afirmar desde já que a solidariedade entre os ferrovários que para ali tinham seguido, e que se fizeram acompanhar dum enviado da *Batalha*, que amanhã dará aos nossos leitores as suas impressões.

Podemos, no entanto, afirmar desde já que a solidariedade entre os ferrovários que para ali tinham seguido, e que se fizeram acompanhar dum enviado da *Batalha*, que amanhã dará aos nossos leitores as suas impressões.

Podemos, no entanto, afirmar desde já que a solidariedade entre os ferrovários que para ali tinham seguido, e que se fizeram acompanhar dum enviado da *Batalha*, que amanhã dará aos nossos leitores as suas impressões.

Podemos, no entanto, afirmar desde já que a solidariedade entre os ferrovários

REGENERACÃO

romance social

POR

CURÓBIO DE MENDONÇA

SEGUNDA PARTE

Organização e triunfo

IX.

Era o período franco da vitória das ideias libertárias, depois dos seus trepidantes combates contra os preconcebidos coligados do comércio parassitário, agricultura senhorial e da burguesia apóia ferida no seu orgulho vâo de fôrça dominadora em uma sociedade infeliz e doente.

Para que resistir? Para que inventar novas ciladas contra esse poder marxílio que zombava de todos os ataques na sua inalterável serenidade? Em vão todas as armas lhe tinham sido atiradas; não encontrando a resistência de armas iguais, o combate não era mais possível.

Em Jerusalém elas amavam e venciam pelo amor. Acaso seriam os tempos anunciados pelos profetas bíblicos, que chegavam? Sim! Parecia que o mundo ia ser transformado. O mundo velho ia desaparecer; e, segundo a crença vulgar, o fogo seria o novo elemento de destruição. Primeiramente tinha sido a água, tinha sido o dilúvio do tempo de Noé. Agora devia ser o fogo; mas que fogo seria esse? Seria a labareda candente, destruindo as forças da vida? Muitos o acreditavam, sobre tudo os velhos de espírito e de coração, os obstinados, que desejavam morrer sem contemplar êsses malditos tempos novos que não podiam compreender; mas, pouco a pouco, começou-se a pensar, a refletir; a mocidade tinha o instinto, o sentimento recôndito da transfiguração social em que era chamada a viver. Esse era o fogo, o espírito novo que, a despeito de todas as forças contrárias, percorria electricamente a superfície do planeta, acendendo os corações, criando as ideias, formando as azas desses pobres seres impunes que são os homens de hoje, de frente avançada para a terra, querendo conquistar-a, querendo gasá-la e perdendo-a cada vez mais.

Agora elas despertavam, elas voavam nas azas desse ardor novo, olhando para cima, para a luz, para a verdade e a justiça.

E depois contemplavam-se e envergonhavam dos odios que tinham alimentado. O fogo destruía as instituições fundadas pelo ódio e para o ódio das classes; mas criava novos laços para

o amor. E os homens, não mais perdendo o temor que perdiam nas suas lutas para apropriar-se dos bens da terra, ficaram admirados da imensa obra de que eram capazes. A terra entregava-se-lhes transfigurada, rendida pelos processos de concordia e solidariedade.

Jerusalém, pois, crescia já sem obstáculos. Seus heróis tinham continuadores, seguidores vindos de toda parte. Muitos vinham colher ali onde não haviam semeado; mas o prazer ideal das primeiras vitórias, das primeiras conquistas na terra ingrata e safara, pintava-se como um diadema de luz nas cabeças encanadas de Antônio, de Ricardo e de José.

Estes não mais agiam pelo braço, pela intervenção direta no prodigioso movimento das oficinas em que se elaboravam e conduziam as instituições abençoadas da sociedade nova.

Eles descansavam, dormiam, acordavam e viviam ainda de uma vida toda espiritual, o sono venturoso dos seus sonhos realizados. E sonhavam novos sonhos, novas combinações de felicidade e harmonia para que se aperfeiçoasse elas largas cada vez mais a indecisão.

Entanto a morte esvoaçava já por sobre as cabeças brancas desses homens gigantes. Ela já os tinha mesmo visitado, roubando-lhes pedaços da própria vida. Olha, um filho cheio de esperança e futuro; ou, a mulher querida, companheira e alma esposa.

Eles viviam já, portanto, voltados para o seio misterioso do desconhecido, onde se aninhavam por ventura as almas luminosas desses entes que se atraíram na fatal viagem. Vivendo juntos, em aposentos próximos, comunicando-se constantemente, trocavam entre si os alegres de saudade, as lembranças dos esforços coligados e as esperanças de novas conquistas igualitárias e sublimes que tinham pensado realizar; porque, a despeito da idade, a despeito da ruina que solapava os pedestais, aqueles estatutos conservavam-se de pé, os espíritos numa solidade surpreendente e capazes, se possível, de animar novos corpos e encetar novas fases fecundas para a humanidade. Mas... para que viver quando se tem perdido os entes amados, quando se tem realizado uma tarefa? É necessário render o bastão da jornada, mergulhar na sombra e desfazer-se na poeira impalpável do invisível...

Porventura viver-se há depois, vivendo há nos corações dos, que ficam;

viver-se há sempre e indenidamente pelos sonhos que se tem sonhado, pelo bem que se tem feito, pela dor que se tem sofrido e pelo amor com que se tem amado...

Assim, os bons viverão eternamente, subjetivamente, aumentando a vida das gerações futuras, descortinando novas belezas, novos raios de luz que descerão o céu da inatingível Verdade.

Antônio, José e Ricardo, antes mesmo de lhes chegar o momento da morte, acabaram por mergulhar as suas almas na visão longínqua do futuro. Des-

cedentes seus, filhos de seus filhos, viviam de quando em quando restituindo o sentido da vida, encheram os de infinitos carinhos; eles sorriam e contemplavam-nos como órgãos que os ligavam ainda ao mundo; mas voltavam logo ao antigo da existência mais perfeita e mais harmoniosa ainda do que aquela que tinham podido criar.

E assim, pouco a pouco, insensivelmente, eles se imobilizaram e os seus corpos se submeteram à lei da morte. Um sorriso de infinita docilidade ficava gravado em seus lábios. A serenidade e a paz suprema traduziam a expressão derradeira dos anseios desses heróis pela felicidade do planeta que tinham procurado regenerar.

E parecia que elas se não tinham acabado, que as suas sombras luminosas andavam pelos álbuns de Jerusalém, espalhando a bondade e a verdade.

Crianças no berço sonhavam com esses velhos legendários que lhes vinham beijar na silenciosa calma das noites de mar. Mulheres afirmavam tê-los visto em brancas vestes vaporosas, abençoados pelos continuadores da boa tarefa.

E como duvidar desses sonhos inocentes, dessas visões cheias do vivo sentimento feminino? Eles amavam e namoravam no seio do amor, nesse mundo criado pelos apóstolos benaventurados.

Porque não os poderiam ver as mulheres e as crianças nos seus sonhos alegres, nas suas visões venturosas? Porque a morte destruiria de vez essas recordações, essas saudades que recons-

tituem a vida, rompendo os corpos e evocando as sombras das que desapareceram da existência objectiva?

A morte não é somente destruidora; mas vivificante e criadora ela é também. A ciência proclama-o, dizendo que nada se perde, que tudo se transforma. Porque os homens seriam assimas coisas que se perderiam para sempre? Não revivem elas nos filhos e netos? Não poderão acaso resuscitar nos corações amantes?

Itisa! doce ilusão! Que tu sejas realidade, porque és consoladora, és divina e és humana também... Que a morte não exista! que ela seja a vida aumentada do ser, a vida sonhada nos anseios do bem e da verdade!

Um renascer das próprias lutas, transformando-se, transfigurando-se pelo batismo novo da existência solidária, como Antônio, José e Ricardo; a outros, porém, não é dado ressurgir senão das próprias cinzas: a morte vivifica-os, os atomas desagregados de seus corpos vão formar outros organismos, outros seres, onde porventura se aninham as almas errantes dos que tombaram no seio do crime, da miséria física e moral, da iniquidade e degradação económica e social em que viviam. Mas a vida faz-se sempre, renova-se todos os dias. Mais luta, mais verdade, mais justiça e felicidade vão caíndo e abrindo as suas azas fagueiras por sobre o triste planeta da dor e do sofrimento. E a hora da regeneração chegará, a regeneração total e perfeita, pelo nivelamento das classes num só har-

monia de vida; pelo desaparecimento da moeda e do comércio iníquos; ciência estendida a todos; pelo trabalho realização suprema de todos os sonhos; todos os nobres anseios dos doutrinadores e apóstolos de todo tempo.

FIM

A seguir:

O Calvário

de Octave Mirbeau

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade anónima - Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Editos de 30 dias

A contar da data da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido assentador do distrito n.º 42 da Divisão do Vou e Obras, Francisco Vieira, para que possam comparecer e receberem da Caixa de Reformas e Pensões as referidas Companhias, nos termos do regulamento de 26 de Maio de 1887, concorrendo a dinheiro ou impondo pedido em requerimento da viúva Maria Vieira e seus filhos menores Maria, Maria e Rita, e José.

Foi este caso será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 1 de Junho de 1919.

O Presidente da Comissão Executiva

José A. de Melo Sousa

Fábrica de Cortumes no Estrangeiro

Precisa-se de operários e um contra-mestre, habilitado a estrair de várias peles a matéria prima aplicada na indústria de cortumes, farrapos, tendas, devido à prática da aplicação de cores exigidas pelas mesmas indústrias.

Carta ao Seculo com as iniciais F. V. para tratar pessoalmente no mesmo edifício do Seculo, das 8 às 11 ou das 5 às 8, Vieira

Escreverem documentos comprovativos das suas aptidões e comportamento, passado pelas casas onde tenha estado.

(474)

GRANDES SALDOS

MÉIAS

de cores e pretas

Para senhora:

Eram de Venda-se a

500	340
600	380
1000	650
1200	800
1500	1000
5000	2500

(256)

Para homem:

400	300
500	380
600	450
700	500
1500	1000

(256)

CASA PROGRESSO

Rua D. Pedro V, 59 a 63

(Esquina da Rua da Rosa)

Largo do Poço Novo, 22 - Lisboa

(Junto da C. do Combro, de frente

para a Palmeira)

Satisfazem-se encomendas para a província - ilhas e colônias -

Quereis fazer economias?

COMPRAI NA

Louçaria do Poço Novo

Louças esmaltadas, vidros, jarras, candleiros, faianças, porcelanas, etc., etc.

Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.

Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.

Apesar dos preços resumidos marcados nos artigos, os leitores de «A Batalha», tem o desconto de 6% (sendo 3% a favor do jornal).

Quereis fazer economias?

COMPRAI NA

Louçaria do Poço Novo

Louças esmaltadas, vidros, jarras, candleiros, faianças, porcelanas, etc., etc.

Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.

Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.

Apesar dos preços resumidos marcados nos artigos, os leitores de «A Batalha», tem o desconto de 6% (sendo 3% a favor do jornal).

Quereis fazer economias?

COMPRAI NA

Louçaria do Poço Novo

Louças esmaltadas, vidros, jarras, candleiros, faianças, porcelanas, etc., etc.

Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.

Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.

Apesar dos preços resumidos marcados nos artigos, os leitores de «A Batalha», tem o desconto de 6% (sendo 3% a favor do jornal).

Quereis fazer economias?

COMPRAI NA

Louçaria do Poço Novo

Louças esmaltadas, vidros, jarras, candleiros, faianças, porcelanas, etc., etc.

Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.

Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.

Apesar dos preços resumidos marcados nos artigos, os leitores de «A Batalha», tem o desconto de 6% (sendo 3% a favor do jornal).

Quereis fazer economias?

COMPRAI NA

Louçaria do Poço Novo

Louças esmaltadas, vidros, jarras, candleiros, faianças, porcelanas, etc., etc.

Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.

Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.

Apesar dos preços resumidos marcados nos artigos, os leitores de «A Batalha», tem o desconto de 6% (sendo 3% a favor do jornal).

Quereis fazer economias?

COMPRAI NA

Louçaria do Poço Novo

Louças esmaltadas, vidros, jarras, candleiros, faianças, porcelanas, etc., etc.

Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.

Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.

Apesar dos preços resumidos marcados nos artigos, os leitores de «A Batalha», tem o desconto de 6% (sendo 3% a favor do jornal).

Quereis fazer economias?

COMPRAI NA

Louçaria do Poço Novo

Louças esmaltadas, vidros, jarras, candleiros, faianças, porcelanas, etc., etc.

Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.

Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.

Apesar dos preços resumidos marcados nos artigos, os leitores de «A Batalha», tem o desconto de 6% (sendo 3% a favor do jornal).

Quereis fazer economias?

COMPRAI NA

Louçaria do Poço Novo

Louças esmaltadas, vidros, jarras, candleiros, faianças, porcelanas, etc., etc.

Serviços de jantar e almoço em